

O cinema como prática educativa anarquista no período de 1900 - 1921.

Cristina Aparecida Reis Figueira

(Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade)

Introdução

Este texto apresentará alguns dos resultados de pesquisa sobre as várias utilizações da linguagem cinematográfica detectadas no debate educacional anarquista no período compreendido entre 1900 e 1921. Tal debate manifestou-se principalmente na imprensa ácrata, considerada neste estudo, como um *lugar de memória* para os vários projetos da educação anarquista antecedendo o projeto de cinema educativo então atribuído aos escolanovistas na década de 1920.

Na investigação, considerou-se principalmente o jornal *A Lanterna*, sem descartar *A Plebe* e também outros periódicos que circularam nas duas primeiras décadas do século XX. Optou-se em selecionar os artigos destes jornais que faziam referências aos usos do cinema utilizado pela Igreja e pelo Estado. Com tal procedimento pretendeu-se compreender qual era o lugar ocupado pelo cinema nos projetos da educação libertária.

No processo de organização dos artigos selecionados detectou-se as categorias *cinema da Igreja* ou o *santo cinema*; o *cinema mercantil* ou o *cinema burguês* e finalmente o *cinema do povo* aquele que seria ou que deveria ser o cinema educativo da educação anarquista.

O principal objetivo da pesquisa foi apreender as críticas e as prescrições de usos do cinema como instrumento educativo na perspectiva anarquista. Das categorias analisadas observou-se que o cinema, tal como a imprensa, constituiu-se em um espaço privilegiado para a conquista dos corações e mentes dos letrados e iletrados do período.

É possível afirmar que este estudo contribui, não só para clarificar as lutas e embates travados entre os vários projetos e modelos educacionais em circulação no período, como também instiga o prosseguimento de uma investigação sobre o início do cinema educativo no Brasil.

A construção da pesquisa e alguns de seus resultados

A reflexão sobre o processo de elaboração da pesquisa e a organização de seus resultados traz a tona os compromissos e os procedimentos que até este momento orientaram essa investigação. Desde o seu início, optou-se por uma tradição de pesquisas historiográficas, que privilegiam o uso de fontes primárias. Pretendeu-se compreender o que diziam as fontes, para e a partir desse movimento, construir a história a ser aqui relatada.

A escolha em investigar as práticas educacionais anarquistas, particularmente, aquilo que diz respeito ao cinema levou a uma outra escolha: a investigação dos jornais ácratas como fonte de pesquisa que circularam nas décadas iniciais do século XX. Por um lado, essa escolha deveu-se a especificidade do objeto de pesquisa escolhido, visto que nesses jornais encontram-se os objetos da memória do movimento anarquista. Por outro, o pressuposto de que um objeto de pesquisa não possui uma existência autônoma e que sua visibilidade fica a cargo dos problemas formulados pelo

pesquisador, demonstra a opção em participar de uma determinada tradição de pesquisas que se voltam para a reconstituição dos projetos e modelos organizados pela educação não-institucionalizados - a partir de jornais operários - foi também determinado pelo desejo que direcionou a pesquisa.

A partir do interior do jornal *A Lanterna - anticlerical e de combate* foi possível apreender o impacto que a nova linguagem do cinema teve no debate educacional anarquista e também que a dimensão educativa desse jornal possibilita a pesquisa em educação no movimento de reconstituição de várias práticas da educação não-formal, atestando com isso a necessidade de uma outra pesquisa que o trate como fonte e como objeto. O artigo a seguir exemplifica a prática desencadeada pelo jornal na educação anarquista, vejamos:

SEMEAR PARA COLHER

A todos os amigos da "LANTERNA" lembramos que, depois de a lerem é da máxima utilidade não a DESTRUIREM. Os que não a GUARDAREM, para colecionar, devem dá-la a outra pessoa. Lê-la aos que não sabem ler, DEIXÁ-LA nas fabricas, nas obras, nas oficinas, nos barbeiros, nos cafés, nos restaurantes, nos jardins, nos carros, nos trens enfim, onde possa ser lida por outros. Espalhar é semear, é tona-la conhecida, é fazer dela a propaganda, é conquistar novos adeptos para a nossa obra. Também todos devem arranjar NOVOS ASSINANTES E DEVOLVER a venda avulsa, afim de que possa propagar mais largamente a obra em que todos andamos empenhados. (*A Lanterna*, nº 183, 22/03/1913, p.2)

Dessa dimensão educativa, focalizou-se o debate desenvolvido em torno do tema centrado no cinema. Por meio de algumas colunas selecionadas, *Espetacullos* de *A Lanterna* e *Palcos, Telas e Arenas* de *A Plebe* procurou-se evidenciar quais eram as inserções da atividade cinematográfica na vida operária e como o cinema ocupou espaço no debate educacional ácrata.

Dos artigos selecionados para análise, buscou-se refletir sobre o significado do termo *propaganda social* para o movimento anarquista, demonstrando que seus

sentidos podem ser aproximados, em certa medida, ao que hoje entendemos como ato educativo, ou como práticas educativas para a formação da consciência crítica. Essa aproximação, no entanto, deve levar em consideração as diferenças que separam o tempo deles (dos anarquistas) em que a perspectiva para uma revolução social alimentava as práticas educativas e o nosso tempo transformado em mercadoria guardando não mais que alguns poucos lampejos de utopia.

Um outro resultado de pesquisa demonstrou que no limiar do cinema em São Paulo, as práticas com o cinematógrafo estavam intrinsecamente ligadas ao teatro em geral e em particular ao teatro operário. O cinema era uma espécie de teatro filmado. Dessa evidência, constatou-se que antes de o cinema encantar as classes médias e abastadas, ele estava mais voltado à vida operária. Como teatro filmado, as atitudes dos primeiros cinegrafistas, sujeitos pertencentes às classes populares, era a filmagem de imagens ligadas ao cotidiano operário. Essa evidência somada aos registros jornalísticos sobre a temática dos primeiros filmes leva a supor que por meio do cinema, os sujeitos comprometidos com a prática da *propaganda social* anarquista, pretendiam expressar a sua própria visão de mundo, registrar sua história, tomar para si a sua imagem. O artigo de Neno Vasco exemplifica o intenso debate contido nos jornais anarquistas no projeto de utilizar o cinema, como era usado o jornal:

... [o cinema] como impressiona agita, como se presta admiravelmente a suscitar, resolve, exarcebar paixões e sentimentos, foi imediatamente adoptado como arma de propaganda e de combate, talqualmente a imprensa periódica....(Vasco, A Lanterna, 1913 p.1)

O reconhecimento do cinema como uma prática a compor, com as outras atividades, o projeto educacional anarquista, ocorreu ao mesmo tempo em que se realizavam as críticas aos usos do cinema pela Igreja e ao chamado cinema burguês.

Os participantes do debate ácrata travavam, uma intensa reflexão sobre os efeitos dessa nova linguagem na educação religiosa e na burguesa e à medida que apresentavam as críticas ao *santo cinema* e ao *cinema mercantil* nos jornais anarquistas, esses sujeitos, comprometidos com as atividades da *propaganda social* anarquista, percebiam o quanto essa nova linguagem impressionava, agitava, exacerbava paixões e sentimentos. Constatavam que o cinema, como instrumento educativo, podia servir tanto aos interesses da educação burguesa e religiosa, como também, constituía-se em uma interessante possibilidade educativa, se adequada aos princípios da *propaganda social* libertária.

No debate educacional ácrata, o cinema que embrutecia era aquele cujos interesses estavam voltados aos valores da educação religiosa e da sociedade capitalista, não contribuindo para a formação do homem novo anarquista. O cinema prescrito era aquele que poderia compor a propaganda social ácrata.

Na contramão do *santo cinema* e do *cinema mercantil*, perspectivaram organizar o *cinema do povo*, com os mesmos dispositivos utilizados para a administração dos jornais, na prática de difusão e sustentação do teatro social. Valiam-se dessas experiências e estimulavam-se com a possibilidade de organizar essa outra prática para a educação dos projetos libertários. É o que se pode constatar com a convocação para a fundação do *cinema do povo*:

Para tratar de fundar uma sociedade cujo fim será a propaganda social por meio do cinematografo, realiza-se uma reunião na próxima segunda-feira, 11 do corrente, ás 19 horas e 1/2, no salão da Lega della Democrazia, á rua José Bonifácio 39 12º andar.

Todos os interessados devem a ela comparecer. (*A Lanterna*, nº 242, 08/05/1914, p. 3)

Nos discursos de Vasco, percebe-se significativa admiração pelos projetos da propaganda social francesa, tanto na atuação dos jornais franceses, como também se

observa outras atuações como as desenvolvidas pelos *Grupos de Propaganda Musical* e o *Teatro do Povo* franceses. Para o militante, intelectual anarquista, estas experiências, somadas ao cinema do povo francês serviriam de modelo para o desenvolvimento da propaganda social libertária no Brasil. A exemplo do projeto de constituição do cinema do povo na França, o cinema do povo do Brasil, deveria se organizar e expandir como a nova arte revolucionária a serviço da educação da classe trabalhadora. Como arte revolucionária, a força do cinema era reconhecida como dispositivo educativo com infinitas possibilidades, na medida em que impressionava, agitava, exacerbava paixões e sentimentos. Tal como a imprensa e o teatro, na concepção de Vasco, o cinema do povo era a arte revolucionária dos novos tempos. Entre as práticas desencadeadas pelos anarquistas para manutenção do cinema do povo francês havia algumas delas utilizadas para a sobrevivência econômica dos jornais anarquistas no Brasil. Em *A Lanterna*, pudemos observar que a venda de ações, as subscrições voluntárias, como também o processo de constituição da comunidade de leitores, em a sua dimensão, ativava tanto ampliação das idéias como a circulação dos jornais educativa. Muito provavelmente, os sujeitos do movimento anarquista pretenderam, para o projeto de constituição do cinema do povo, valer-se dessas experiências adquiridas com a organização das outras atividades da *propaganda social*.

Até este momento da pesquisa não foi possível descobrir artigos que informassem sobre os desdobramentos da convocação da reunião de 11 de maio de 1914, na qual os sujeitos do movimento anarquista convocavam todos os interessados para tratar de fundar uma sociedade cujo fim será a propaganda social por meio do cinema.

A ausência de tais informações não impediu, porém, que fosse atestado a existência de um projeto do cinema na perspectiva anarquista. As evidências encontradas a luz dessa análise historiográfica, sustentam a hipótese inicial apresentada sobre a existência de uma outra história do início do cinema educativo no Brasil: como um projeto anterior ao cinema educativo dos escolanovistas.

À guisa de conclusão

Detecta-se na composição dos discursos dos sujeitos que escreviam nos jornais (militantes, simpatizantes, colaboradores), com diferentes graus de inserção no movimento anarquista, que havia posturas diferenciadas em relação a linguagem cinematográfica. Cabe ressaltar também que a herança da tradição iluminista, compunha com as doutrinas anarquistas e do livre pensamento influências manifestando posições que ora colocavam o cinema em oposição ao livro, ora o compreendia como um benefício do progresso científico tendo, por causa disso que servir a ciência e também a educação revolucionária para a formação do novo ser social para a nova sociedade a ser criada. Porém, era corrente na maioria dos artigos, o reconhecimento do cinema como uma nova força para a educação, seja na perspectiva do que eles consideravam como educação nefasta, reacionária, seja como educação revolucionária para as consciências letradas e iletradas.

A partir do projeto do cinema do povo, percebemos que o uso do cinema, tal como ocorria com a imprensa operária, constituía em um dispositivo de luta para enfrentar a concorrência da Igreja e do Estado no processo de formação dos corações e das mentes. Fazendo uso das mesmas armas nas várias lutas e embates sociais do período, o cinema, a exemplo da imprensa constituía-se como um instrumento a ser

desenvolvido para fins da propaganda social, direcionada à constituição da nova sociedade e do novo homem.

As atividades de difusão do *cinema religioso* e do *cinema mercantil* foram muito observadas pelos participantes do movimento anarquista. Estes mostravam em seus artigos a necessidade em organizar a resistência aos seus efeitos atuando no mesmo terreno, porém de maneira compatível ao que era desenvolvido na imprensa e no teatro ácrata. Nesse sentido, os militantes anarquistas procuravam valer-se das experiências de suas ações anteriores para organização e manutenção da imprensa operária. Em *A Lanterna*, a venda de ações, a subscrições voluntárias, a constituição da comunidade de leitores para circulação de idéias e distribuição dos jornais, eram estratégias pensadas a serem transferidas para a organização do cinema como mais um dispositivo da *propaganda social*.

De todo o levantamento bibliográfico realizado, não foi encontrada nenhuma pesquisa que abordasse o tema do cinema educativo voltado à educação anarquista. Tal constatação nos leva a supor o cinema do povo tenha constituído o primeiro projeto que perspectivou a adoção da linguagem cinematográfica como prática educativa da educação não-formal, atestando a existência dessa outra história do cinema educativo.

São Paulo, maio de 2005.